



Araci Cortes

*Francisco Alves
Jacob do Bandolim
Augusto Vasseur*

Instituto **Itaú**
cultural

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

AR
C
E
R
V
O
F
U
N
A
R
T
E
D
A
M
Ú
S
I
C
A
B
R
A
S
I
L
E
I
R
A

Presidente da República Federativa do Brasil Fernando Henrique Cardoso
Ministro de Estado da Cultura Francisco Corrêa Weffort
Secretário de Apoio à Cultura do Ministério da Cultura José Álvaro Moisés
Presidente da Fundação Nacional de Arte (Funarte) Márcio Souza
Diretor do Departamento de Ação Cultural da Funarte Gilberto Vilar de Carvalho
Coordenadora de Música da Funarte Valéria Ribeiro Peixoto
Presidente da Associação de Amigos da Funarte Arnaldo Niskier



Araci Cortes

*Francisco Alves,
Jacob do Bandolim
Augusto Vasseur*

ARACI CORTES

Este CD é uma reedição do LP *Araci Cortes*, lançado pela Funarte em 1984 (Projeto Almirante), juntamente com a monografia *Araci Cortes - Linda Flor*, de Roberto Ruiz (Projeto Lúcio Rangel). O disco - de inestimável valor para a memória da música popular - apresenta gravações de Araci (anos 20, 30 e 60), como também trecho de seu último depoimento, realizado em janeiro de 1984.

ARACI - NO TEATRO MUSICADO E NO DISCO

Em abril de 1925, a revista *Para Todos* publicava uma fotografia de Araci Cortes com a legenda "Depois que Júlia Martins caiu na compulsória, depois que Otilia Amorim se casou, o teatro-revista ficara sem a graça nacional... Mas surgiu lá no céu mais uma estrela e apareceu Araci Cortes..."

Foto e legenda atestavam a popularidade de uma artista de apenas 21 anos que, reconhecia-se, trouxera de volta ao teatro musicado "a graça nacional".

A entrada em cena dessa "figurinha de brasileira petulante" (no dizer do crítico Mário Nunes) aconteceu no momento em que o teatro-revista carioca evoluía para o seu período de maior esplendor: a segunda metade dos anos 20. A fórmula adotada pelos responsáveis por essa fase consistia no casamento de uma estrutura (temas, personagens, músicas, etc.) tipicamente brasileira com algumas novidades (a *feérie*, o nu artístico, etc.) aqui introduzidas por companhias estrangeiras. Representando, dançando, mas principalmente cantando, a jovem Araci se tornaria em pouco tempo a estrela maior dessa modalidade de espetáculo e, o que é mais importante, a primeira grande intérprete genuinamente brasileira de nossa canção popular.

Para esse sucesso pioneiro, contribuiriam, além do talento da cantora, dois fatores importantes: a onda de liberalização que se espalharia pelo mundo no pós-guerra, proporcionando à mulher o ensejo de destacar-se em atividades (como gravação de discos) até então praticamente monopolizadas pelo homem, e o processo de abrasileiramento do teatro nacional, valorizando artistas originários das camadas populares e minimizando o uso da prosódia portuguesa nos palcos.

Embora o disco viesse ampliar, a partir de 1928, a sua popularidade, foi no

teatro que Araci continuou conquistando os maiores êxitos.

Possuidora de voz aguda, pouco extensa, porém cheia de musicalidade, ela soube tirar partido de sua sensualidade para se tornar uma precursora das modernas cantoras populares brasileiras. Cantoras que, na opinião do crítico J. R. Tinhorão, "atuando no palco, crescem de rendimento e conquistam a maior parte dos compradores de seus discos". Algumas características do estilo Araci atravessaram gerações e são até hoje usadas por artistas que, nesse Brasil de memória curta, poucas vezes (ou nunca) devem ter ouvido falar em seu nome.

A discografia de Araci Cortes é relativamente pequena. Inicia-se em 1925 com três gravações na Casa Edison; interrompe-se em seguida para voltar em 1928 com seu primeiro grande sucesso (*Jura*); daí, até 1935, registra em 32 discos (dois na Parlophon, dois na Brunswick, sete na Columbia e 21 na Odeon) o repertório de sua melhor fase; nova interrupção até 1953, quando são gravados na Odeon seus três últimos discos de 78 rotações; finalmente, em 1965 e 1967, ainda na Odeon, tem seis faixas incluídas nos LPs *Rosa de Ouro n.º 1 e 2*.

Uma seleção dessa discografia é apresentada neste disco em que se homenageia o 80.º aniversário de Araci Cortes. A maioria são matrizes gravadas há mais de meio século (doze deals pela primeira vez em LP), recuperadas mediante os processos da moderna tecnologia. Elas trazem de volta a voz da "Rainha do Teatro-revista" no vigor de sua mocidade.

Mas a faixa de abertura é de época mais recente. Trata-se de uma gravação do *Carinhoso*, realizada em fevereiro de 1965 no Teatro Jovem e pertencente ao arquivo de Herminio Bello de Carvalho. Nunca antes editada em disco, essa preciosa gravação registra o exato momento em que a cantora retornava ao palco após longa ausência (por ocasião do segundo concerto de *O Menestrel*) e reúne, em oportunidade única, Araci e Jacob do Bandolim. Valoriza o documento a voz da própria Araci descrevendo o acontecimento dezoito anos depois. Num perfeito entrosamento com o acompanhante ilustre (e os músicos Faria, Damásio, Rigaud e Batista, componentes do conjunto), Araci Cortes nos oferece uma bela interpretação do samba-choro de Pixinguinha e João de Barro, que, aliás, de longa data já integrava o seu repertório.

A segunda faixa revive um sucesso que Araci considera seu cartão de visitas: *Linda Flor Yayá*, também conhecida como *Iaiá* e *Ai, iaiô*. Essa composição tem grande importância para a MPB, pois é o primeiro samba-canção a obter consagração

popular. Embora classificado como canção brasileira no disco original, o gênero da peça já era na época denominado samba-canção, conforme se verifica num comentário da *Phonoarte* em 15 de março de 1929: "*Linda Flor Yayá*, o samba-canção que todos conhecem e, no último carnaval, foi um dos seus mais ruidosos sucessos..." Mas *Linda flor*, antes de se tornar um ruidoso sucesso, com a letra de Luís Peixoto e a interpretação de Araci na revista *Miss Brasil*, teria duas versões: a primeira, de Candido Costa, lançada por Dulce de Almeida na comédia *A Verdade ao Meio-Dia* e gravada por Vicente Celestino; a segunda, de Freire Júnior, com o título de *Meiga flor*, gravada por Francisco Alves. Conta Jota Efeğê que Luiz Peixoto compôs os versos vitoriosos para a melodia de Henrique Vogeller, em pleno palco do Teatro Recreio, durante um ensaio de *Miss Brasil*, quando Araci recusou a letra de Candido Costa. Um clássico de nosso cancionário, com muitas intérpretes (Isaura Garcia, Angela Maria, Dalva, Elizeth, etc.), *Linda flor* é aqui apresentada por sua criadora na gravação de 1929.

O repertório de Araci variava da canção romântica ao samba sacudido, de letra maliciosa, que ela interpretava com chistes e requebros, levando ao delírio os frequentadores de seus espetáculos. Um bom exemplar do gênero é *Tu qué tomá meu home*, samba de Ary Barroso e Olegário Mariano, lançado em 1929 na revista *Vamos Deixar de Intimidade*. Nitidamente influenciado por Sinhô, o então iniciante Ary compôs diversos sambas como esse, de excelente qualidade melódica.

No pólo oposto a *Tu qué tomá meu home* está a canção *Quem me compreende*, de Bernardino Vivas e novamente Ary Barroso. Araci deu-lhe uma interpretação suave, bem à maneira das chamadas cantoras de salão, muito em moda no tempo (1931) do lançamento da composição.

Os três sambas seguintes - *Teu desprezo*, *Baianinha* e *Quem quiser ver* - são números buliçosos, típicos do estilo da cantora, principalmente *Quem quiser ver*, de Eduardo Souto, que ela interpretava, ainda adolescente, no Democrata Circo. *Baianinha*, de De Chocolat e Oscar Mota, gravado em 1929, permaneceria como um dos favoritos de Araci e seria por ela revivido no show *O Menestrel*. A faixa 8 apresenta *Jura*, o último grande samba amaxixado de J. B. da Silva, o Sinhô. Lançado por Araci na revista *Microlândia* em 1928, reprisado em *Miss Brasil* e gravado simultaneamente por ela, na Parlophon, e Mário Reis, na Odeon, é outro grande sucesso de seu repertório. Em interessante artigo publicado em *O Jornal* e depois no livro *Figuras e Coisas da Música Popular*

Brasileira (v.1), Jota Efeğê descreve o êxito estrondoso da composição no dia de seu lançamento no Teatro Fênix. Conta Efeğê que a platéia exigiu a repetição do número diversas vezes, tendo Sinhô subido ao palco onde, abraçado a Araci, recebeu do público verdadeira consagração. Detalhe pitoresco ressaltado no artigo era a maneira como Antônio Rada, maestro do espetáculo, "conduzia a orquestra, dançando e fazendo vibrar uma espécie de chocalho (...) comunicando aos músicos seu *allegro molto vivo*". *Jura* é a composição mais gravada de Sinhô, e o fonograma aqui apresentado foi o primeiro da cantora na Parlophon. *Vão por mim* (faixa 9) é uma marcha de Francisco Alves para a campanha eleitoral de Júlio Prestes e apresenta em dueto Chico e Araci. A dupla gravou ainda, para o mesmo fim, o samba *É no toco da goiaba*.

Lançado na revista *Laranja da China*, em abril de 1929, *A polícia já foi lá em casa* (faixa 10) é um dos melhores números do repertório de Araci. Principalmente pela melodia, de autoria do maestro Júlio Cristóbal, um espanhol que soube captar o espírito dos sambas da época. A letra de Olegário Mariano explora o tema "mulher de malandro", muito em voga na ocasião.

O samba-canção *Um sorriso* (faixa 11), de Benedito Lacerda, cantado com muitos denges por Araci, pertence ao lado romântico de seu repertório. Antecipa o estilo de Odete Amaral, uma de suas sucessoras. Registrado em 1934, integra o último disco da primeira fase da cantora na Odeon.

Outro samba curioso é *O que é que?* (faixa 12), de Benjamim Silva Araújo. Araci interpreta-o com brejeirice, muito à vontade, e até improvisa um alegre contracanto ao solo da orquestra. A revolução citada na letra era a de 1932, então recém-terminada.

Fato pouco conhecido é que *Boneca de piche*, de Ary Barroso e Luís Iglesias, teve uma primeira versão intitulada *No morro*, lançada por Araci em 1930, na revista *Diz Isso Cantando*. Essa composição foi cantada em dueto, no palco com João Martins e no disco com o pianista Augusto Vasseur - em sua única gravação como cantor. Oito anos depois, reescrita e com o título de *Boneca de piche*, seria gravada por Almirante e Carmem Miranda. A gravação original de *No morro* é muito rara. Como o exemplar que serviu de matriz para a faixa 13 não se encontrava em bom estado, foi impossível obter-se melhor qualidade de som. Vale, todavia, como documento.

A última faixa mostra Araci Cortes em três momentos de sua carreira: o primeiro, em 24 de janeiro de 1984, nos estúdios da Transamérica, dizendo versos de um samba a ela dedicado por Jota Maia: "Nasci artista/nasci sambista/

e até hoje não me arrependi/público amigo que não me esquece/quem te agradece é Araci/os meus sucessos contigo estão/e os teus aplausos no meu coração/heide morrer como nasci/sempe cantando, sempre Araci"; o segundo momento, em fins de 1932, interpretando *Tem francesa no morro*, um samba muito original (com versos em francês) de Assis Valente, que é sua primeira composição gravada; e o terceiro, ainda com *Tem francesa no morro*, em 20 de março de 1967, no disco do show *Rosa de Ouro nº 2*.

A montagem da faixa, idealizada e realizada por Hermínio Bello de Carvalho (o próprio Hermínio atuou como operador de áudio), encerra com propriedade esta homenagem à eterna Araci. Sua presença no estúdio, gravando com voz firme às vésperas de seu 80º aniversário, justifica os versos finais de Jota Maia.

Jairo Severiano
Janeiro de 1984

BIOGRAFIA

Nascida na Rua Matoso em 31 de março de 1904, a pequena Zilda tornou-se, garota ainda, presença obrigatória nas noites festivas na casa dos Rocha Viana, em pleno Catumbi dos bicos dias da Primeira Guerra Mundial. Lá por fora o mundo mergulhava numa das mais cíclicas sangueiras em nome de idéias e interesses sempre discutíveis; aqui a crise se refletia em dificuldades de vida para as quais o povo buscava lenitivo dando expansão à necessidade de divertir-se e esquecer. Naquela casa do bairro do Catumbi, a tristeza ficava na porta, proibida de entrar. Lá dentro seu Alfredo - Alfredo da Rocha Viana -, funcionário público durante o dia, flautista e admirador de Callado durante a noite, rodeava-se de filhos e de notas musicais. E a garotada foi nascendo e escolhendo seus instrumentos: Otávio, o "China", Henrique, Léo e Alfredo Júnior, a quem iriam chamar logo depois Pixinguinha, e as meninas Edith, Cristodolina, Hermengarda, Jandira e Herminia. Casa cheia de gente da família, ficava transbordando porque ainda havia os habituais componentes da roda musical, entre os quais Irineu de Almeida, Candinho do Trombone e o chorão Carlos Espindola, vizinho de poucas casas além e pai de duas meninas que ensaiavam passos complicados no meio daqueles jorros de música bem ritmada: Zilda e Dalva. Os garotos aos poucos foram entrando no meio da gente

grande, China ao violão e ao cavaquinho, Henrique ao violão e à flauta, Leo ao oficlíde e, por fim, Pixinga, de farda de São Bento, com a flauta paterna. Foi o começo. Zilda de Carvalho Espindola foi para a escola. Um dia seu pai morreu e a coisa apertou em casa. Ali pertinho ficava o Democrata Circo, na Praça da Bandeira, e de repente a garota pensou: "Se eu gosto de cantar e de dançar, por que não vou ganhar algum dinheiro com isso?" Adolescente e ainda Zilda, entrou no palco, tremendo da cabeça aos pés. A princípio não saiu uma nota; o maestro atacou a introdução de novo, alguém berrou com ela atrás da cortina e ela não teve dúvidas: fora ali para vencer e ninguém lhe roubaria o primeiro sucesso. Cantou e recebeu suas primeiras e fortes palmas, bem diferentes daquelas de cortesia que já obtivera no meio dos amadores dos Filhos de Talma, lá na Saúde. Do canto passou à dança, a um maxixe repinicado com o ídolo dos picadeiros, o galante Peri, sob a vista e o sorriso do grande palhaço negro Benjamin de Oliveira.

O início fora feito, agora era tentar degraus maiores. E o grande mesmo, no tempo, a consagração nacional, era o teatro-revista, o teatro revisteiro da Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, mormente aquele que era oferecido aos freqüentadores do Recreio e do São José, onde estavam as melhores e maiores companhias do gênero. E Zilda foi para o Recreio. Mas já não era a Zilda. Era a Araci Cortes, nome sonoro como seus sambas, bonito de ler e de ouvir, brasileiríssimo como ela própria, morena bonita e dona de um sorriso estonteante. O nome artístico lhe viera das confabulações de China, o irmão mais velho de Pixinguinha, com o jornalista Mário Magalhães, crítico teatral de A Noite, sempre disposto a ajudar a gente do meio artístico. China falava a Mário de Os Oito Batutas, em que pontificava seu irmão, o Júnior, e de uma garota de boa voz que desejava se apresentasse com eles. Mas aquele nome, Zilda, não lhe parecia suficientemente artístico para impor-se nos cartazes. Mário concordou e começou a pensar em nomes que representassem bem o que aquela jovem parecia aos olhos e aos ouvidos do China: "Já sei! Araci! Você quer nome mais brasileiro do que este, seu China?" - "Boa, seu Mário! Araci serve...Mas, Araci de quê?...". Mário Magalhães coçou a cabeça. Tinha de ser algo definitivo, pomposo e ao mesmo tempo simples, capaz de arrematar a idéia que já se formava em sua cabeça. Foi quando irrompeu pela redação adentro um veterano repórter de polícia do jornal. Mário abriu um sorriso: "Puxa, Cortes, você veio bem na hora!"

Nasceu ali a Araci Cortes que iria dominar os palcos, a canção popular brasileira, introduzir no teatro um jeito todo especial de cantar o samba, apoiado num sapateado característico, à base da chinelinha de baiana, que se tornou quase desde logo o seu traje preferido em cena, e num quase gorjeio, feito de contracanto, fruto de um ouvido apuradíssimo e uma presença inigualável.

A estréia no Recreio deu-se no finzinho de 1921, com a revista de J. Praxedes e música de Sá Pereira, *Nós pelas costas*. A crítica teatral, representada principalmente pelo acatadíssimo Mário Nunes, do *Jornal do Brasil*, reparou na "figurinha de brasileira petulante" de Araci Cortes e ela pisou firme naquelas tábuas, sentindo que seria ali mesmo o lugar de sua definitiva afirmação. Breve cantava, dançava, representava, faziã com graça marcante números cômicos e partia para o estrelato que viria rápido, lançando do palco para o êxito das ruas, que era o caminho direto do tempo para os grandes êxitos da música popular, dezenas e dezenas de sucessos, entre os quais iria colocar como os maiores saídos de sua privilegiada garganta, *Jura*, de Sinhô, e *Linda Flor Yayá*, de Henrique Vogeller, Luiz Peixoto, Marques Porto e Candido Costa. Lançando de fato sucessos sobre sucessos, Araci muito breve era estrela absoluta na revista, dali passando ao rádio e ao disco. Seu nome cresceu vertiginosamente como intérprete diferente e inconfundível, impondo-se a platéias internacionais, cantando em Lisboa, Paris, Buenos Aires e levando ao delírio personalidades ilustres como Josephine Baker.

Com o declínio do gênero a que se dedicara, Araci retirou-se do cenário artístico fazendo poucas mas ruidosas incursões "para matar saudades", como aconteceu no memorável *Rosa de Ouro*, de que resultou antológico disco e em que está sua última e estrondosa criação, a belíssima marcha-rancho de Lamartine Babo, *Os rouxinóis*. Ao atingir os seus gloriosos 80 anos de idade, Araci reaparece numa série de justas homenagens promovidas pela Funarte, que buscou marcar bem a data fazendo lembrar a seus saudosos fãs alguns daqueles extraordinários êxitos a que ela deu vida e forma inconfundíveis.

Ouçam, pois, com admiração, veneração e respeito, a grande dama do samba, a grande Araci Cortes, rainha da MPB e das atrizes, rainha do rádio, como seus admiradores a elegeram em memoráveis concursos, porém, mais que isso, rainha absoluta no jeito inconfundível de interpretar a dolente música brasileira que ela tanto amou e dignificou.

Roberto Ruiz

(Autor do livro *Araci Cortes*, Edição Funarte, 1984, pesquisa encomendada para o projeto *Lúcio Rangel de Monografias*, 1983.)

DEPOIMENTO

Corria o ano de 1964, o Zicartola já perdera suas características iniciais de casa de samba, e reforçava seu perfil de restaurante. Foi o local escolhido por Jota Efege para me apresentar a Araci Cortes, nessa época vivendo no retiro dos artistas e completamente afastada dos palcos. É bom lembrar que Jota e eu fôramos padrinhos de casamento dos donos da casa, Zica e Cartola - daí a preferência pelo local de encontro. É oportuno dizer também que nessa época eu já tinha o embrião de *O Menestrel*, movimento solidário que se resumia na farta distribuição, na porta de teatros, de poemas mimeografados por mim. Paralelamente eu trabalhava no registro, em gravador, de toda a cantoria que Clementina de Jesus (que eu descobrira dois anos antes na Taberna da Glória) acumulara em seus presumíveis 64 anos de idade. O almoço no Zicartola não fora dos mais agradáveis: gênio difícil, Araci não perdia a oportunidade de, aqui e ali, me alfinetar com uma ironia que afinara sem sutilezas nos palcos do teatro-revista, onde reinara como a mais absoluta e insuperável estrela.

Jacob do Bandolim era inteiramente fascinado por ela, e não foi difícil convencê-lo a repartir o palco do Teatro Jovem de Kleber Santos numa noite de janeiro de 1965, no segundo concerto de *O Menestrel*, que, graças ao estímulo de Kleber, ampliava sua proposta inicial. Ao concerto inicial de Clementina de Jesus e Turíbio Santos (música popular e erudita num mesmo programa), seguiu-se a *rentrée* de Araci. É desse concerto a fita gravada pelo próprio Jacob e a mim posteriormente legada por sua esposa, Adília. Aproveitamos somente o *Carinhoso*, porque foi com a música de Pixinga que ela pisou aquele palco; apenas por curiosidade passamos a informação da própria Araci, que diz ter feito a primeira letra para *Carinhoso*, mas que se recusou a mandar entregá-la ao Orlando Silva porque se sentia desfeiteada em não ter sido ela mesma convidada a gravar a música. Rasgou a letra e atirou-a na cara do solicitante, que ela não consegue se lembrar quem fora. Lembro-me bem de um

dia em que Araci, de maus bofes, destemperou-se com Pixinguinha na minha presença, o Santo muito sem jeito confessando não ter sabido daquele episódio. Paulinho da Viola, apesar de considerá-la a cantora mais musical do Brasil, não deixou de sentir sua ira durante uma temporada do *Rosa* em São Paulo. Nem Mãe Clementina, única talvez a enfrentar com dedo em riste uma investida ciumenta de Araci.

Mas nada apaga a importância de Araci Cortes, evidenciada agora pela primeira reedição que se faz dos fonogramas que marcam o início de sua carreira. Maior que os palcos que pisou, Araci é verdadeiramente uma grande estrela. Seu brilho vai ser constatado agora numa outra forma que se encontrou para fazê-la voltar às ribaltas que eletrizou com sua fantástica presença.

Hermínio Bello de Carvalho
janeiro de 1984

EPOCAS DE OURO

Épocas de Ouro: das árias seiscentistas de alaúde ao maxixe buliçoso do "rei do samba" - Eis o 5º programa da série promovida pelo *O Menestrel*. Os críticos de música erudita (vá lá o termo) já se manifestaram suficientemente sobre esses concertos: Andrade Muricy, Renzo Massarani, Mário Cabral, Eurico Nogueira França. Os de música popular - e cito Eneida e Sérgio Cabral, porque mais constantes - têm louvado com igual entusiasmo a iniciativa, de imenso agrado entre o público jovem. Jodacil Damaceno é especialista em música antiga (sobretudo de alaúde) e traz como referência especial a de ter sido discípulo de Antônio Rabello e, posteriormente, de Oscar Cáceres, eminente concertista uruguaio, que há pouco, com Jacob do Bandolim, se apresentou no concerto *De Bach a Pixinguinha*. Jodacil foi vencedor do primeiro concurso de violão realizado no Brasil. Recitalista no *Ondas Musicais*, produz, desde 1962, o programa *Violão de Ontem e de Hoje*, para a RMEC. Em Montevidéu, há pouco, obteve êxito de crítica e de público em concerto com obras, sobretudo, do genial Villa-Lobos. Por iniciativa de Israel Klabin, gravará com Maria Lúcia Godoy, para o Clube dos Discófilos, o LP *Dos Menestréis às Bachianas*. Ilustrou as conferências do catedrático Arnaldo Rabello, sobre Händel, e a de

Hermínio Bello de Carvalho, sobre Villa-Lobos. Forneceu, há poucos dias, a música para o recital *Cecília Meirelles*, patrocinado pelo "Azulão, com Maria Fernanda e Paulo Padilha. Verdadeira glória de nossa música popular, já consagrada como uma de suas melhores intérpretes, Araci Cortes, a despeito das "bossas" que procuraram dar novas características ao samba, vê a perenidade de seu estilo, de seu jeito gostoso de cantar. Sua voz, plena de musicalidade, dá o exato colorido rítmico e melódico a todas as composições que formam o seu variado e bem escolhido repertório. Atestam essa assertiva, para só citarmos algumas de suas interpretações, esse bonito *Linda flor Yayá*, de Vogeller/Peixoto/Porto/Costa, o *Jura*, de Sinhô, e o *Carinhoso*, de Pixinguinha, com letra de João de Barro. Muitos outros sambas, todos de autoria de nossos melhores compositores, que sempre a quiseram como lançadora de suas músicas, tiveram o êxito assegurado porque Araci, ao cantá-los, impregnava-os com o "molho" de brasileiro de cuja receita ainda ninguém se apropriou. Ao voltar agora ao palco, trazida por *O Menestrel*, para os aplausos de seu público, do qual esteve ausente por motivos de saúde, Araci vai nos proporcionar ensino de vê-la repetir as brilhantes *performances* que nunca foram esquecidas. E, não temos dúvida, os seus fãs, que são numerosos, somando muitos milhares, hão de delirar aplaudindo-a com o mesmo calor com que o faziam quando, enchendo as platéias dos teatros Recreio, Carlos Gomes, Fênix, João Caetano, Glória, etc., a prendiam no palco insistindo com seguidos pedidos de bis!...bis!...bis!...

Tem, pois, caráter de noite de gala da música popular brasileira o reaparecimento de Araci Cortes, que é feito, para seu maior esplendor, ao lado do consagrado Jacob, com seu bandolim, e dos exímios acompanhadores Cesar Faria, Manoel Rigaud, Jonas, Damásio Filho e Francisco Batista. E repartirá, com o brilhante violonista de música erudita (ou "de classe", como quer Muricy), Jodacil Damaceno, as merecidas honras dessa noite.

Jota Efegê
(Texto publicado em *O Menestrel*, em fevereiro de 1965.)

REPERTÓRIO

01. *Depoimento de Araci Cortes*, gravado em 24.1.1984
Carinhoso (samba-choro de Pixinguinha e João de Barro),
gravado ao vivo no Teatro Jovem em 1.2.1965: show *Épocas de Ouro*
Participação de Jacob do Bandolim e seu conjunto
Fonograma pertencente ao arquivo de Herminio Bello de Carvalho
02. *Linda flor Yayá* (samba-canção de Henrique Vogeller, Luiz Peixoto,
Marques Porto e Candido Costa) *
Disco Parlophon nº 12926-A, lançado em março de 1929,
com a Orquestra Parlophon
03. *Tu qué tomá meu home* (samba de Ary Barroso e Olegário Mariano) *
Disco Odeon nº 10446-A, lançado em agosto de 1929
com a Orquestra Pan American
04. *Quem me compreende* (canção de Ary Barroso e Bernardino Vivas) **
Disco Columbia nº 22035, lançado em julho de 1931
com orquestra
05. *Teu desprezo* (samba de Artur Costa) **
Disco Columbia nº 22035, lançado em julho de 1931
com regional
06. *Baianinha* (samba de De Chocolat e Oscar Mota) *
Disco Parlophon nº 12926-B, lançado em março de 1929
com a Orquestra Parlophon
07. *Quem quiser ver* (samba de Eduardo Souto) *
Disco Odeon nº 10426-B, lançado em julho de 1929
com a Orquestra Pan American
08. *Jura* (samba de J.B. da Silva, o Sinhô)*
Disco Parlophon nº 12868-A, lançado em novembro de 1928
com Simão Nacional Orquestra

09. *Vão por mim (Harmonia)* (marcha de Francisco Alves) *
Disco Odeon nº 10502-B, lançado em novembro de 1929
com Francisco Alves (dueto) e a Orquestra Pan American
10. *A polícia já foi lá em casa* (samba-canção de Olegário Mariano e
Júlio Cristóbal) *
Disco Odeon nº 10426-A, lançado em julho de 1929
com a Orquestra Pan American
11. *Um sorriso* (samba-canção de Benedito Lacerda) *
Disco Odeon nº 11144-B, gravado em 17.7.1934 e lançado em agosto
de 1934 com a Orquestra Odeon
12. *O que é que?* (samba de Benar e Benjamim Silva Araújo) **
Disco Columbia nº 22148, lançado em novembro de 1932
com Pessoal do Morro
13. *No morro (Eh! Eh!)* (batuque de Ary Barroso e Luis Iglesias) *
Disco Odeon nº 10680-A, lançado em setembro de 1930
com Augusto Vasseur (dueto) e a Orquestra Copacabana
14. *Versos de Jota Maia* gravados por Araci Cortes em 24.1.1984
Tem francesa no morro (samba de Assis Valente)
Fusão das gravações Columbia, disco nº 22148 (**), lançado em
novembro de 1932, e Odeon disco MOFB-3494 (*), gravado em 20.3.1967
(do show *Rosa de Ouro nº 2*)

* EMI-Odeon Ltda.

** Gravações Elétricas S/A

FICHA TÉCNICA ORIGINAL

Produção fonográfica *Funarte*
Produção artística e pesquisa *Jairo Severiano*
Produção executiva *Júlia Peregrino*
Técnico de som e montagem *Wilson Medeiros*
Estúdio *Transamérica (Rio de Janeiro - RJ)*

ATRAÇÃO FONOGRÁFICA

Direção Artística *Wilson Souto Junior*
Gerente de Produto *Edson Natale*
Masterização *Cia de Áudio*
Projeto Gráfico *Click Design Gráfico*
Arte Final *Luiz Cordeiro*
Charge *Borjalo*

Escreva para Atração Fonográfica Ltda. e solicite informações a respeito do
nosso catálogo: Av. São Gualter, 1941 - São Paulo - SP - CEP: 05455-002
Tel.: (011) 813-6944 / Fax: (011) 212-9707
INTERNET: www.atracaao.com.br / E-MAIL: atracao@atracao.com.br

ESTE CD FOI PRODUZIDO A PARTIR DE MATRIZES ORIGINAIS EM VINIL. PARA QUE FOSSE
REMASTERIZAÇÃO DIGITAL QUE SÓ FOI POSSÍVEL GRAÇAS AO EMPENHO DA CIA DE AUDIO,
POSSÍVEL O RELANÇAMENTO EM CD HOUE UM MINUCIOSO PROCESSO DE RECUPERAÇÃO E DE
EVENTUAIS ALTERAÇÕES NA QUALIDADE DE SOM SÃO INERENTES AO EQUIPAMENTO E ÀS
TÉCNICAS DE GRAVAÇÃO DA ÉPOCA.

O Instituto Cultural Itaú escolheu a recuperação do acervo fonográfico da Funarte como marco de sua atuação na área musical, coerente com o objetivo de contemplar a partir deste ano uma das mais ricas vertentes de nossa cultura - a música brasileira - e valorizar a produção cultural pela pesquisa, sistematização e divulgação de suas manifestações nas diversas formas de expressão.

Construído nas décadas de 70 e 80, o acervo é resultado de diferentes séries temáticas de discos originalmente lançados em vinil, abrangendo diversas vertentes de nosso universo musical e contemplando tanto a música popular e folclórica quanto a música erudita clássica ou contemporânea.

É inquestionável a constatação de que, não fora esta ação da Funarte, diversos músicos e composições jamais encontrariam espaço para registro e divulgação.

Nos anos 90, a falta de diretrizes culturais para o país colocou em risco todo o trabalho anteriormente desenvolvido, levando à perda de boa parte das matrizes das obras produzidas. Graças à parceria estabelecida entre o Instituto Cultural Itaú, a Funarte e a Atração Fonográfica, os discos de vinil coletados entre diferentes colecionadores em diversos pontos do país estão sendo cuidadosamente remasterizados.

Temos, portanto, enorme satisfação em oferecer em compact disc aquele que é, sem dúvida, um dos mais importantes acervos de música brasileira.

- 01 Depoimento de Araci Cortes 3:47
Carinhoso (Samba-choro) 67112145
Participação de Jacob do Bandolim e seu conjunto
(Pixinguinha/João de Barro) Mangione/ADDAF
- 02 Linda flor Yayá (Samba-canção) 2:42
com a Orquestra Parlophon 67112153
(Henrique Vogeller/Luiz Peixoto/Marques Porto
Candido Costa) Vitale/Mangione
- 03 Tu qué tomá meu home (Samba) 2:48
com a Orquestra Pan American 67112161
(Ary Barroso/Olegário Mariano) D.R.
- 04 Quem me compreende (Canção) 3:05
com orquestra 67112170
(Ary Barroso/Bernardino Vivas) Vitale
- 05 Teu desprezo (Samba) 2:46
com regional 67112188
(Artur Costa) D.R.
- 06 Baianinha (Samba) 3:18
com a Orquestra Parlophon 67112196
(De Chocolat/Oscar Mota) D.R.
- 07 Quem quiser ver (Samba) 2:46
com a Orquestra Pan American 67112200
(Eduardo Souto) Vitale (Cembra)
- 08 Jura 2:44
com Simão Nacional Orquestra 67112226
(J. B. Da Silva (Sinhô) Melodias Populares (ADDAF)
- 09 Vão por mim (Harmonia) (Marcha) 2:45
com Francisco Alves (dueto)
e a Orquestra Pân American 67112218
(Francisco Alves) D.R.
- 10 A polícia já foi lá em casa (Samba-canção) 2:58
com a Orquestra Pan American 67112234
(Olegário Mariano/Júlio Cristóbal) D.R.
- 11 Um sorriso (Samba-canção) 2:33
com a Orquestra Odeon 67112242
(Benedito Lacerda) Mangione
- 12 O que é que? (Samba) 2:40
com Pessoal do Morro 67112250
(Benar/Benjamim Silva Araújo) D.R.
- 13 No morro (Eh! Eh!) (Batuque) 2:37
com Augusto Vasseur (dueto)
e a Orquestra Copacabana 67112269
(Ary Barroso/Luís Iglesias) D.R.
- 14 Versos de Jota Maia 3:02
Tem francesa no morro (Samba)
(Assis Valente) 67112277 -D.R.

Instituto Itaú
cultural



(011) 813-6944

MINISTÉRIO DA CULTURA

FUNARTE

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

PRODUZIDO NA
ZONA FRANCA DE
MANGALHÃO
PROMOÇÃO À INDÚSTRIA

COMPACT
DISC
DIGITAL AUDIO

Fabricado pela Microservice - Microfilmagens e
Reproduções Técnicas da Amazônia Ltda. CGC:
34.525.444/0001-62 - Manaus - sob encomenda da
Atração Fonográfica Ltda. - CGC: 01.252.044/0001-60

